

O Livro de Daniel - Número Quarenta e Dois

Links de Conexão

Jeff Pippenger

2024-01-06

João Batista foi um profeta que serviu de elo de ligação.

O profeta João foi o elo de ligação entre as duas dispensações. Como representante de Deus, ele apresentou-se para mostrar a relação da lei e dos profetas com a dispensação cristã. Ele era a luz menor, que seria seguida por uma luz maior. A mente de João foi iluminada pelo Espírito Santo, para que ele pudesse iluminar o seu povo; mas nenhuma outra luz jamais brilhou nem jamais brilhará tão claramente sobre o homem caído quanto aquela que emanou do ensino e do exemplo de Jesus. Cristo e Sua missão tinham sido apenas vagamente compreendidos, como tipificados nos sacrifícios que eram sombras. Nem mesmo João havia compreendido plenamente a vida futura, imortal, por meio do Salvador. O Desejo das Eras, 220.

Jesus também foi um profeta que serviu de elo de ligação.

Cristo abriu o caminho da terra ao céu. Ele constitui o elo de ligação entre os dois mundos. Ele traz ao homem o amor e a condescendência de Deus, e eleva o homem, por Seus méritos, a alcançar a reconciliação com Deus. Cristo é o caminho, a verdade e a vida. É um trabalho árduo prosseguir, passo a passo, dolorosamente e lentamente, avante e para o alto, no caminho da pureza e da santidade. Mas Cristo fez ampla provisão para conceder novo vigor e força divina a cada passo de progresso na vida divina. Este é o conhecimento e a experiência de que todos os funcionários do escritório necessitam e devem possuir; caso contrário, diariamente trazem opróbrio sobre a causa de Cristo. Testemunhos, volume 3, 193.

A obra profética de João Batista incluiu estabelecer a ligação entre a dispensação terrena e o santuário celestial. As primeiras palavras que João disse quando viu Jesus pela primeira vez foram:

No dia seguinte, João vê Jesus vindo ao seu encontro e diz: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. João 1:29.

Mas embora João devesse identificar a transição do Israel antigo para o Israel espiritual, sua compreensão dessa transição era limitada.

Disse Cristo, em defesa de João: "Mas que saístes para ver? Um profeta? Sim, digo-vos, e mais do que um profeta." Não apenas João era um profeta para predizer acontecimentos futuros, mas também era um filho da promessa, cheio do Espírito Santo desde o seu nascimento, e foi ordenado por Deus para executar uma obra especial como reformador, preparando um povo para a recepção de Cristo. O profeta João foi o elo de ligação entre as duas dispensações.

A religião dos judeus, em consequência de seu afastamento de Deus, consistia principalmente em cerimônias. João era a luz menor, que seria seguida por uma luz maior. Ele devia abalar a confiança do povo em suas tradições, lembrá-los de seus pecados e levá-los ao arrependimento,

para que estivessem preparados para apreciar a obra de Cristo. Deus comunicou a João por inspiração, iluminando o profeta para que removesse a superstição e as trevas das mentes dos judeus sinceros, que, por meio de falsos ensinamentos ao longo de gerações, vinham se acumulando sobre eles.

O menor discípulo que seguiu Jesus, que testemunhou Seus milagres, e ouviu Suas divinas lições de instrução e as palavras consoladoras que caíam de Seus lábios, era mais privilegiado do que João Batista, pois tinha uma luz mais clara. Nenhuma outra luz brilhou, nem jamais brilhará, sobre o intelecto do homem pecaminoso e caído, senão aquela que foi, e é, comunicada por Aquele que é a luz do mundo. Cristo e Sua missão haviam sido apenas vagamente compreendidos por meio dos sacrifícios sombrios. Até mesmo João pensava que o reinado de Cristo seria em Jerusalém e que Ele estabeleceria um reino temporal, cujos súditos seriam santos. Review and Herald, 8 de abril de 1873.

O apóstolo Paulo foi também um profeta que serviu de elo de ligação, destinado a identificar as aplicações proféticas da transição do literal para o espiritual. Ele compreendia que a Jerusalém literal já não era a Jerusalém da profecia, pois então ela havia passado para a Jerusalém celestial.

Pois Agar é o monte Sinai, na Arábia, e corresponde à Jerusalém que agora existe, a qual está em escravidão com seus filhos. Mas a Jerusalém que é de cima é livre, a qual é mãe de todos nós. Gálatas 4:25, 26.

No capítulo dois de 2 Tessalonicenses, que temos considerado, Paulo identificou que a Roma pagã literal era o poder que impedia a Roma papal espiritual de ascender ao trono até o ano 538. No capítulo, ele identifica que o "homem do pecado", que está assentado no templo de Deus, era o mesmo "rei" que Daniel identificou no capítulo onze, versículo trinta e seis. A prova de que o "rei do norte" nos últimos seis versículos de Daniel onze é o papado tornou-se a chave para estabelecer a estrutura da verdade utilizada pela Future for America desde o aumento do conhecimento em 1989.

No mesmo capítulo, Paulo identificou o papel de Roma pagã de refrear a ascensão do papado, até o momento em que Roma pagã fosse removida, e assim identificou que "o contínuo" no livro de Daniel era Roma pagã. Essa verdade tornou-se a chave para estabelecer a estrutura da verdade que resultou no aumento do conhecimento em 1798.

Na história de William Miller, a mensagem foi proclamada quando uma transição do movimento de Filadélfia para o de Laodiceia estava para ocorrer. Na história da Future for America, a transição do movimento de Laodiceia para o de Filadélfia está ocorrendo agora.

A verdade que Paulo apresentou em 2 Tessalonicenses, que identificava a transição da Roma pagã literal para a Roma papal espiritual, tornou-se a base do entendimento profético de Miller. Tanto João Batista quanto Paulo foram suscitados para explicar a transição do literal para o espiritual. William Miller foi tipificado por João Batista e, em sua obra, era essencial que ele reconhecesse a relação e a transição entre a Roma pagã e a Roma papal, a transição que João Batista foi suscitado para identificar.

Há cinco referências a "o contínuo" no livro de Daniel, e elas sempre precedem um símbolo do poder papal. No contexto da transição profética que estamos considerando, todas as cinco referências incluem a transição da Roma literal para a Roma espiritual. "O contínuo" no livro de Daniel é uma das verdades representadas nas duas tábuas de Habacuque e, portanto, é uma verdade fundamental que devia ser defendida; uma verdade que acabaria por ser encoberta com joias e moedas falsas e contrafeitas. Não é por acaso que toda verdade representada nos dois quadros sagrados tem confirmações inspiradas diretas nos escritos de Ellen White. Rejeitar qualquer uma das verdades fundamentais (incluindo "o contínuo") é, simultaneamente, rejeitar a autoridade do Espírito de Profecia.

"Então vi, em relação ao 'Daily', que a palavra 'sacrifício' foi acrescentada pela sabedoria do homem e não pertence ao texto; e que o Senhor deu a visão correta disso àqueles que proclamaram o clamor da hora do juízo. Quando havia união, antes de 1844, quase todos estavam unidos quanto à visão correta do 'Daily'; mas desde 1844, na confusão, outras opiniões foram adotadas, e trevas e confusão se seguiram." Review and Herald, 1º de novembro de 1850.

Aqueles "que deram o clamor da hora do juízo" entenderam "o contínuo" como um símbolo do paganismo e/ou da Roma pagã. Seu entendimento incluía o fato de que a palavra "sacrifício" não pertencia à passagem em Daniel, onde havia sido acrescentada pelos tradutores (por sabedoria humana) da Bíblia King James. A compreensão dos pioneiros também incluía que "o contínuo" era sempre apresentado em conexão com um dos dois símbolos do poder papal, e que o paganismo ("o contínuo") sempre precedia o símbolo papal. Eles eram sempre identificados na sequência em que entraram na história profética. Os livros de Daniel e Apocalipse nunca se desviam da sequência histórica do paganismo precedendo o papalismo e, quando o livro do Apocalipse introduz o terceiro poder desolador do falso profeta, essa sequência é sempre mantida.

Sem a instrução de Paulo de que os elementos literais da profecia passaram para o espiritual na época da cruz, surge um dilema com a predição de Cristo sobre a destruição de Jerusalém, encontrada em todos os evangelhos, exceto no de João. Os dois símbolos do papado ligados ao "contínuo" no livro de Daniel são a abominação da desolação e a transgressão da desolação. Esses dois símbolos representam a marca da besta (a abominação) e a imagem da besta (a transgressão).

A transgressão que permite ao papado assassinar aqueles que considera hereges é a combinação de Igreja e Estado, com a Igreja no controle da relação. Assim, Daniel representa a combinação de Igreja e Estado, que é a imagem da besta papal, como a transgressão assoladora. A Bíblia identifica a idolatria como uma abominação, e toda a idolatria do poder papal é representada por meio de seu sábado idólatra, que João chama de marca da besta, e que Daniel chama de abominação assoladora.

E de um deles saiu um pequeno chifre, que se engrandeceu sobremaneira para o sul, para o oriente e para a terra gloriosa. E se engrandeceu até o exército do céu; e derrubou por terra alguns do exército e das estrelas, e os pisou. Sim, se engrandeceu até o príncipe do exército, e por causa dele o sacrifício diário foi tirado, e o lugar do seu santuário foi lançado por terra. E foi-lhe dado um exército contra o sacrifício diário, por causa da transgressão; e lançou a

verdade por terra; e agiu e prosperou. Daniel 8:9-12.

Abordaremos esses versículos com mais detalhes em outro artigo, mas, no versículo onze, o poder que se engrandeceu contra Cristo foi Roma pagã, quando tentou matá-lo no seu nascimento e, por fim, o fez na cruz. O versículo afirma que "por ele" (Roma pagã), "o contínuo foi tirado". A palavra hebraica traduzida como "tirado" é "rum", e significa "levantar e exaltar". Roma pagã haveria de levantar e exaltar a religião do paganismo, e foi exatamente isso que fez na história. É por isso que é chamada de "Roma pagã".

O versículo seguinte identifica que a Roma papal recebeu um "exército" (poder militar), que era contra, ou deveria vencer, "o diário" (paganismo). Isso também é um fato histórico, pois a força militar foi empregada pelo papado (embora nunca tenha tido seu próprio exército) para superar a restrição imposta à sua ascensão ao poder. Esse poder veio da Roma pagã. O poder militar que ela empregou foi-lhe dado por meio da "transgressão", pois a transgressão que lhe permitiu controlar os exércitos dos reis que a colocaram no trono no ano 538 foi a transgressão da combinação de Igreja e Estado. Primeiro, a Roma pagã é mencionada no versículo onze, informando ao estudante que a Roma pagã se levantaria contra Cristo e que exaltaria a religião do paganismo.

O versículo seguinte descreve a transgressão da união entre Igreja e Estado que permitiu ao papado superar e remover a restrição que a Roma pagã lhe impunha. A história confirma a aplicação de ambos os versículos. O "contínuo" representa tanto Roma pagã, o poder que se opôs a Cristo, como a religião do paganismo que foi exaltada por Roma pagã. O símbolo do "contínuo" é então seguido pelo papado, pois identifica a transgressão entre Igreja e Estado que confere ao papado um exército para fazer o seu trabalho sujo. O terceiro uso que Daniel faz do "contínuo" é a pergunta que produz a resposta, a qual é o pilar central do Adventismo.

Então ouvi um santo que falava; e outro santo disse àquele certo santo que falava: Até quando durará a visão acerca do sacrifício diário e da transgressão assoladora, para que tanto o santuário como o exército sejam entregues para serem pisados? Daniel 8:13.

Neste versículo, pergunta-se por quanto tempo durará a visão, pedindo, assim, uma resposta que represente duração, e não um ponto no tempo. A pergunta não é em que data a visão será cumprida, mas qual é a duração da visão. O versículo não pergunta "Quando?", pergunta "Até quando?" A visão trata dos poderes desoladores do paganismo, representados como "o contínuo", e do papismo, representado pela transgressão do papado que se consuma quando comete fornicção com os reis da terra. Esses dois poderes desoladores, do paganismo seguido pelo papismo, haviam de pisotear o santuário e o exército por um período de "sete tempos".

É importante reconhecer que o pisoteamento do santuário literal, que começou no tempo da Babilônia e continuou até a destruição de Jerusalém pela Roma pagã em 70 d.C., foi realizado por poderes pagãos desde o princípio da história até o fim. Assim, foi o paganismo literal, no plural, que pisoteou o santuário literal e a hoste literal (o povo de Deus). Mas foi a Roma espiritual que pisoteou a Jerusalém espiritual e o Israel espiritual.

Mas o átrio exterior do templo, deixa-o de fora e não o meças; pois foi dado aos gentios; e a cidade santa será pisada pelos gentios durante quarenta e dois meses. E darei poder às minhas duas testemunhas, e elas profetizarão mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco. Apocalipse 11:2, 3.

João Batista foi um profeta que serviu de elo de ligação, identificando a mudança de dispensação do santuário terrestre para o celestial, sem conhecer a plenitude de sua obra. Paulo foi um profeta que serviu de elo de ligação, identificando a mudança de dispensação de Israel literal (a hoste) para Israel espiritual. A Jerusalém que foi calcada aos pés por quarenta e dois meses era a Jerusalém espiritual.

"Os períodos aqui mencionados — 'quarenta e dois meses' e 'mil duzentos e sessenta dias' — são os mesmos, ambos representando o tempo em que a igreja de Cristo deveria sofrer opressão de Roma. Os 1260 anos da supremacia papal começaram em 538 d.C. e, portanto, terminariam em 1798. Nesse tempo, um exército francês entrou em Roma e fez o papa prisioneiro, e ele morreu no exílio. Embora logo depois tenha sido eleito um novo papa, a hierarquia papal nunca mais conseguiu exercer o poder que antes possuía." O Grande Controvérsia, 266.

Paulo identificou que, na transição que ocorreu na história da cruz, a Jerusalém espiritual, que "está acima", tornou-se a cidade que Deus escolheu para colocar o seu nome, e a Jerusalém literal deixou de ser a Jerusalém da profecia bíblica.

Pois Agar é o monte Sinai, na Arábia, e corresponde à Jerusalém que agora existe, a qual está em escravidão com seus filhos. Mas a Jerusalém que é de cima é livre, a qual é mãe de todos nós. Gálatas 4:25, 26.

É essencial compreender corretamente essa verdade, e a aplicação equivocada de Jerusalém literal como símbolo da profecia bíblica faz parte do engano criado pelos jesuítas para minar a verdade de que o papa de Roma é o anticristo. Esse falso ensino produz uma crença dentro do protestantismo apóstata que os leva a olhar incorretamente para a moderna nação judaica de Israel como um símbolo da profecia. Jerusalém literal deixou de ser a Jerusalém de Deus no tempo da cruz.

A cidade de Jerusalém já não é um lugar sagrado. A maldição de Deus está sobre ela por causa da rejeição e crucifixão de Cristo. Uma mancha sombria de culpa repousa sobre ela, e nunca mais voltará a ser um lugar sagrado até que tenha sido purificada pelos fogos purificadores do céu. Quando esta terra amaldiçoada pelo pecado for purificada de toda mancha de pecado, Cristo voltará a estar sobre o Monte das Oliveiras. Quando Seus pés pousarem sobre o monte, este se fenderá e se tornará uma grande planície, preparada para a cidade de Deus. Review and Herald, 30 de julho de 1901.

A relevância da distinção entre Jerusalém literal e Jerusalém espiritual será abordada ao considerarmos a profecia de Cristo sobre o fim do mundo. A quarta vez que Daniel identifica "o diário" é no capítulo onze.

E forças se levantarão da sua parte, e profanarão o santuário da fortaleza, e tirarão o sacrifício diário, e colocarão a abominação desoladora. Daniel 11:31.

Este versículo está identificando a atuação da Roma pagã ao colocar o papado no trono da terra no ano 538. Os “braços” representam a força militar da Roma pagã que se ergueu em defesa do papado, a começar por Clóvis, rei dos Francos, no ano 496. Diversos reis europeus trabalharam para o estabelecimento do papado após Clóvis, mas o versículo está identificando quatro coisas que os reis europeus (braços) fizeram pelo papado, depois que transgrediram ao formar uma aliança entre Igreja e Estado com a meretriz de Tiro.

Quando se levantaram em defesa do papado, eles "poluíram" ou destruíram a cidade de Roma, que era o símbolo da força tanto da Roma pagã quanto da papal. A poluição do versículo foi realizada repetidamente ao longo dos anos, à medida que a cidade de Roma era submetida a ataques militares contínuos. Aqueles reis europeus (os braços) também "tirariam o contínuo". A palavra hebraica traduzida como "tirar" neste versículo não é "rum", como era no capítulo oito. Neste versículo, a palavra traduzida como "tirar" é "sur" e significa remover. Os braços dos reis europeus removeriam a resistência pagã à ascensão do papado no ano 508. Então, no ano 538, esses braços colocariam o papado no trono da terra. Então, no Concílio de Orleães, nesse mesmo ano, o papado implementou uma lei dominical.

O domingo como dia de adoração é o que a Irmã White chama de sábado "ídolo", e idolatria é a definição bíblica perfeita da palavra "abominação". No ano de 538, os braços da Roma pagã colocaram a abominação que causa desolação.

Todos os que exaltam e adoram o sábado-ídolo, um dia que Deus não abençoou, ajudam o diabo e seus anjos com toda a força da capacidade que Deus lhes deu, a qual perverteram para um uso errado. Inspirados por outro espírito, que cega seu discernimento, não conseguem ver que a exaltação do domingo é inteiramente uma instituição da Igreja Católica. Mensagens Seleccionadas, livro 3, 423.

Profecia e história sustentam a aplicação que acabamos de identificar para o versículo trinta e um. Quando dizemos que a profecia sustenta essa aplicação, estamos nos referindo ao fato de que há outras profecias que abordam esses mesmos fatos, sem trazê-los para a discussão neste momento. A quinta e última vez que Daniel usa "the daily" encontra-se no capítulo doze.

E desde o tempo em que o sacrifício diário for removido, e a abominação desoladora for estabelecida, haverá mil duzentos e noventa dias. Bem-aventurado aquele que espera e chega aos mil trezentos e trinta e cinco dias. Daniel 12:11, 12.

A profecia e a história sustentam que, no ano 508, a resistência à ascensão do papado essencialmente terminou, quando o último de três obstáculos geográficos (os godos) foi arrancado pela raiz, como identifica o capítulo sete de Daniel.

Eu considerava os chifres, e eis que entre eles surgiu outro chifre pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados pela raiz; e eis que nesse chifre havia olhos como os olhos de homem e uma boca que falava grandes coisas. Daniel 7:8.

A remoção dos três chifres é ilustrada nas duas tábuas sagradas e, quando o terceiro daqueles três obstáculos geográficos foi expulso da cidade de Roma, no ano 508, a resistência contra a ascensão

do poder papal foi removida. A instauração mencionada no versículo onze representa os trinta anos entre 508 e 538. Ela identifica trinta anos em que a preparação para estabelecer o homem do pecado no templo de Deus foi realizada.

A palavra traduzida como "taken away" é também "sur", que significa remover, e em 508, a resistência contra a ascensão do papado foi removida (retirada). A partir dessa data, mil duzentos e noventa anos levam até 1798 e à ferida mortal do papado. Mil trezentos e trinta e cinco dias levam até o primeiro desapontamento e o início do tempo de espera bem no fim do ano de 1843. O versículo promete uma bênção aos que "cometh" até 1843. A palavra "cometh" significa tocar. O primeiro dia de 1844 marca o primeiro desapontamento, mas o último dia de 1843 toca o primeiro momento de 1844. O último dia de um ano toca o primeiro dia do ano seguinte. A bênção associada a essa data é sustentada pela história e pela profecia.

Continuaremos a considerar a importância do 'diário' como uma verdade fundamental no próximo artigo.

“Todas as mensagens dadas de 1840 a 1844 devem ser agora apresentadas com força, pois há muitas pessoas que perderam a sua orientação. As mensagens devem ir a todas as igrejas.

“Cristo disse: ‘Bem-aventurados os vossos olhos, porque veem; e os vossos ouvidos, porque ouvem. Porque em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver estas coisas que vós vedes, e não as viram; e ouvir estas coisas que vós ouvís, e não as ouviram’ [Mateus 13:16, 17]. Bem-aventurados os olhos que viram as coisas que foram vistas em 1843 e 1844.

“A mensagem foi dada. E não deve haver demora em repetir a mensagem, pois os sinais dos tempos estão se cumprindo; a obra final deve ser realizada. Uma grande obra será feita em pouco tempo. Em breve será dada, por designação de Deus, uma mensagem que se elevará até tornar-se um alto clamor. Então Daniel se levantará na sua sorte, para dar o seu testemunho.”
Manuscript Releases, volume 21, 437.